

**Figura 17:** Modelo do processo da construção de sistemas descritivos

famílias puderam ser diferenciadas conforme posturas básicas distintas:

- postura básica não-quebrada: “manutenção doméstica, cuidados com as crianças, bem-estar subjetivo, atividades, planos e esperanças para o futuro, manutenção do espírito de vida, sempre novas tentativas de busca de emprego” (Jahoda, Lazarsfeld & Zeisel, 1975, p. 71);
- postura básica resignada: ...
- postura básica desesperada: “Desespero, depressão, falta de esperança, sentimento de ... ter feito todos os esforços e assim não mais procurar trabalho, nenhuma tentativa de

melhoria bem como freqüentes comparações com um passado melhor” (p. 71);

- postura básica apática: sem energia, observação sem ação, casa e crianças descuidadas, ... sem planos, ... freqüentemente alcoolizado. A família mostra desintegração.

Estas quatro posturas básicas representam um sistema descritivo, que depois virou o ponto de partida para análises quantitativas (16% de postura não-quebrada, 48% resignada, 11% desesperada, 25% apática).

### 4.3 Procedimentos de análise

Serão apresentados, aqui, sete procedimentos de análise, que foram desenvolvidos, ou redescobertos, nos últimos anos, na área da pesquisa qualitativa. Embora esta lista não seja nem possa ser completa, apresenta uma visão da variabilidade da pesquisa qualitativa moderna. Neste capítulo vamos tratar também de procedimentos mais e menos estruturados, procedimentos baseados em observações e aqueles relacionados a dados verbais. Inicialmente serão tratados um a um, antes que seja tentada, no próximo capítulo, uma sistematização.

#### 11) *Grounded Theory*

Será apresentado, inicialmente, um procedimento que foi desenvolvido na sociologia estadunidense por B. G. Glaser e A. L. Strauss, no círculo de Howard Becker, nas décadas de 1950 e 1960 e que foi denominado *grounded theory* (vide Glaser, 1978; Glaser & Strauss, 1969; Strauss, 1987; Strauss & Corbin, 1990). Trata-se de um procedimento que, já no levantamento, admite passos de construção de conceitos – principalmente indutivos – e teorias.

Glaser e Strauss argumentaram que, especialmente na pesquisa aberta de campo, os pesquisadores, sem dúvida já durante a coleta de dados estão refletindo sobre a análise e os conceitos implícitos entram na coleta de dados subsequente. Pesquisa de orientação qualitativa não vê muito sentido na restrição dentro de um racionalismo crítico (Karl Popper), que verifica, apenas, hipóteses formuladas antes do levantamento de dados. A *grounded theory* permite explicitamente a construção de conceitos (códigos e construtos) durante o levantamento de dados e quer torná-los transparentes. Desta maneira, levantamento e análise de dados ocorrem simultaneamente. No decorrer do levantamento de dados cristaliza-se um referencial teórico, que está sendo modificado e completado passo a passo. Quando este satisfaz em termos de clareza e capacidade de afirmação, interrompe-se o levantamento de dados, já que o essencial do trabalho de análise tinha sido feito. Isto será demonstrado usando o exemplo do desenvolvimento de “construtos integrados” (Barton & Lazarsfeld, 1979), fazendo referência ao estudo de Marienthal.

*Exemplo:*

Durante a pesquisa entre desempregados num vilarejo austríaco os pesquisadores fizeram uma série de ‘observações surpreendentes’. Embora as pessoas dispusessem de mais tempo, utilizaram menos a biblioteca pública. Embora estivessem sofrendo com a situação econômica, o nível de atividade política baixou. Desempregados que não tinham mais nada a fazer, fizeram menos esforço para procurar emprego nas cidades vizinhas do que os que tinham ainda algum trabalho. Os filhos dos desempregados tinham representações menos claramente desenvolvidas sobre um emprego futuro, do que os filhos de pessoas com trabalho. Eles tampouco sabiam que presente pedir para o Natal. Os pesquisadores tiveram os mais diversos problemas práticos, porque as pessoas freqüentemente compareceram atrasados ou sequer chegaram às entrevistas. As pessoas andaram mais lentamente. Tornou-se difícil arranjar compromissos, ‘claramente, nada mais funcionou no vilarejo’. Todas estas observações resultaram

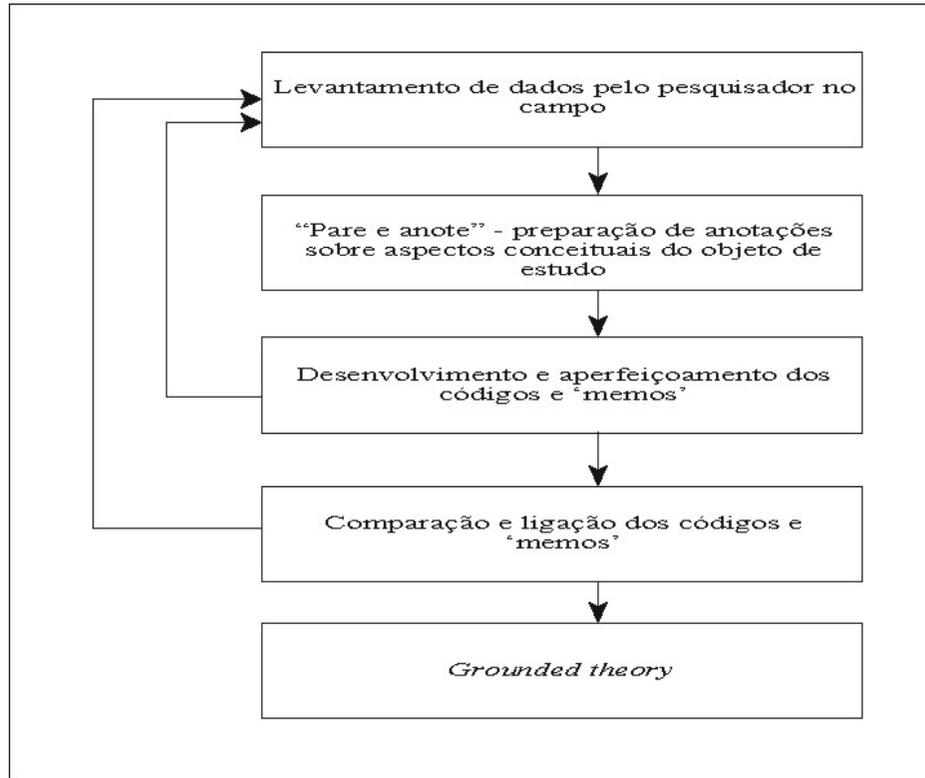
numa caracterização global do vilarejo como o ‘município cansado’. Assim foram reduzidas as características observadas, que permearam todas as áreas de comportamento. Embora as pessoas não tivessem mais nada a fazer, elas pareciam cansadas – pareciam sofrer de uma espécie de paralisia generalizada da sua energia mental (Jahoda & Zeisel, 1932)” (Barton & Lazarsfeld, 1977, p. 77f).

O exemplo mostra que tais construtos integrados podem ser aprimorados durante a pesquisa de campo e conectados com outros construtos.

**Idéia básica:** A *grounded theory* parte da suposição que o pesquisador, já durante a coleta de dados, desenvolve, aprimora e interliga conceitos teóricos, construtos e hipóteses, de tal maneira que levantamento e análise se superpõe.

O instrumento central no levantamento de elementos teóricos da *grounded theory* são fichas de anotações: *memos* [i.é, anotações]. Sempre que o pesquisador durante a fase de levantamento de dados, i.é, durante o trabalho de campo encontra aspectos centrais, a instrução para a ação se chama: “stop and memo!” (Glaser, 1978) [i.é, “pare e anote!”] Tais anotações podem servir para esclarecer novos aspectos, concretiza-los num caso específico, ou servir para diferenciar outros aspectos (vide Miles & Huberman, 1984, p. 69ff). Podem servir para a criação de categorias de análise (códigos) com os quais o material pode ser trabalhado. O importante nestas anotações, entretanto, é que se registre – preferencialmente numa coluna a parte – o contexto específico no qual a observação se baseou. Uma generalização e interligação de conceitos constituem um importante apoio nas decisões. Quando, da observação de um determinado aspecto resultou um *memo*, o pesquisador tentará trabalhar e completá-lo por meio de análises e observações adicionais. Isto estimula mais levantamento de dados. No próximo passo tentar-se-á integrar os conceitos por meio de comparação de códigos e anotações. Isto, por sua vez, pode

influenciar o levantamento de dados. Este processo circular leva a uma versão final dos conceitos teóricos, para a *grounded theory*.



**Figura 18:** Modelo do processo de criação da *grounded theory*

O campo de aplicação clássica da *grounded theory* é a pesquisa de campo na qual o próprio pesquisador é envolvido, geralmente por meio da observação participante. Na pesquisa de campo existe geralmente um contato mais duradouro com o objeto de pesquisa. Aqui, o “stop and memo”, tão importante para este método, é possível. A coleta de dados pode ser gerida pelos resultados dos memos. Em estudos de entrevistas, tal procedimento

faz menos sentido. Além do mais, a construção da *grounded theory* é recomendada, especialmente, quando o objeto de estudo é novo e ainda não pesquisado. De qualquer forma, as idéias básicas constituem uma complementação importante para a análise qualitativa, como alguns trabalhos mais recentes podem mostrar mais claramente (por ex., Hildenbrand et al., 1984).

**Áreas de Aplicação:** A *grounded theory* pode ser utilizada especialmente na pesquisa de campo que usa observação participante. Além do mais, é útil em pesquisas exploratórias.

## 12) Análise fenomenológica

As raízes da fenomenologia também são extensas. Edmund Husserl (1859 – 1938) iniciou-a como método filosófico; Scheler, Heidegger, Merleau-Ponty, Schütz, Satre a desenvolveram, as vezes com acentuação bem distinta, fazendo com que fenomenologia entrasse nas disciplinas individuais das ciências sociais (por ex., Jaspers, 1912). Podem-se verificar, especialmente nos últimos anos, um renascimento da abordagem fenomenológica dentro da psicologia (Giorgi, 1970, 1975, 1985; Graumann & Métraux, 1977; Kockelmans, 1987) e na pedagogia (Hellemans & Smeyers, 1987), inspirada na “mudança qualitativa”. A fenomenologia – poderia traduzir isto como o ensino da manifestação concreta (ao invés de idéias como no caso de Platão) – luta, assim, contra o preconceito de que somente se trata de uma análise fenomenológica superficial. O certo é que uma descrição detalhada e cuidadosa do objeto de pesquisa é levada a sério.

A idéia básica é que se deve partir da perspectiva de cada indivíduo, das suas estruturas subjetivas de significados, das suas intenções, porque os fenômenos nas ciências humanas sempre são objetos intencionais, a consciência humana é dirigida a eles. O objeto da análise entretanto é

chegar ao cerne mais profundo, à natureza das coisas, quer dizer, não ficar na superfície, nas aparências. Redução eidética, i.é, a volta à essência, é o nome para este passo analítico. O pensamento central, semelhante ao experimento qualitativo (cap. 3.5), é a variação. Um determinado fenômeno é comparado em diferentes contextos, ou os contextos são variados em experimentos mentais. O que fica invariante, fornece dicas sobre a natureza do fenômeno. “A criativa, *ativa* reflexão, na visão do essencial, consiste na produção de múltiplas variações, na interrelação consistente e, finalmente, na identificação, como o essencial, do congruente frente às diferenças” (Danner, 1979, p. 126). Com isto tocamos nas duas idéias básicas da análise fenomenológica.

**Idéia básica:** Análise fenomenológica pode ser caracterizada por dois elementos essenciais:

- A descrição dos fenômenos da perspectiva do sujeito e suas intenções são o ponto de partida;
- Tenta-se uma redução ao núcleo essencial por meio de variações do fenômeno.

Para descrever com mais detalhes o procedimento de uma análise fenomenológica, é importante apontar, mais uma vez, seu ponto de partida. Não se pretende realizar uma descrição ampla de determinados campos de objetos, mas uma análise direcionada de fenômenos individuais. A definição destes fenômenos é o primeiro passo. A coleta de material é direcionada a isto. Para prosseguir na análise, Giorgi (1985) fez uma diferenciação importante. Ele recomenda quatro passos. Primeiro, o analista precisa ter uma visão geral do material como um todo, para ter uma compreensão da totalidade. Esta impressão geral é muito importante para os passos subseqüentes, porque este procedimento é menos formalizado, assim precisa ser justificado pelo conteúdo, em cada caso.

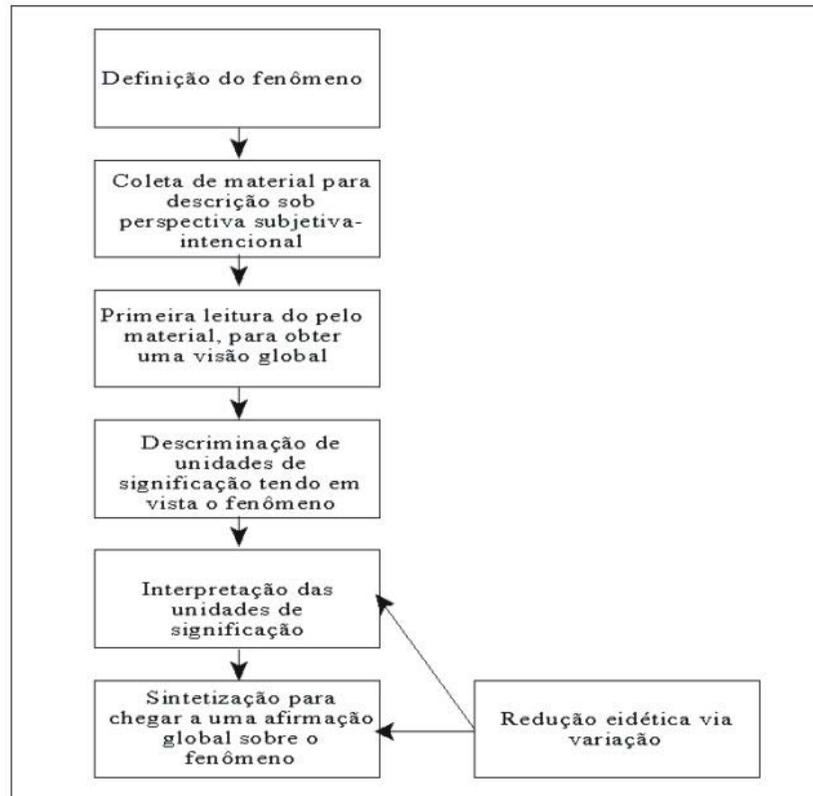
Numa segunda visão do material, tenta-se criar unidades significativas diante do fenômeno a ser investigado. Onde se toca no assunto, onde se encontram afirmações importantes? Este sequenciamento permite como terceiro passo, interpretar as unidades significativas diante do fenômeno. No quarto passo as unidades são comparadas, conectadas e sintetizadas para uma interpretação geral do fenômeno. Como princípio de trabalho para os últimos dois passos podem ser utilizadas as técnicas de variação e redução do núcleo, mencionadas acima. Assim, chegamos ao modelo do processo (Figura 19, p. 110).

As análises fenomenológicas têm aplicação muito ampla. É difícil uma delimitação exata. Grauman e Métraux (1977) trabalharam três funções da orientação fenomenológica nas pesquisas atuais:

- uma função crítica, na medida em que as abordagens predominantes são questionadas nas várias áreas de conteúdo e conceitos metodológicos básicos;
- uma função heurística, na medida em que propõe novas perspectivas, aspectos e alternativas e os transforma em prática de pesquisa;
- uma função descritiva, na medida que é desenvolvida uma compreensão mais ampla de áreas de conteúdo a partir da perspectiva do sujeito.

### 13) *Paráfrase das ciências sociais – hermenêutica*

Esta técnica também tem uma longa história, na medida em que se refere e se baseia na hermenêutica. A forma aqui apresentada foi desenvolvida no fim dos anos 70 na Universidade a Distância de Hagen (Heinze, 1987; Heinze & Klusemann, 1979, 1980). Ela foi utilizada predominantemente para a interpretação de entrevistas narrativas, para estudar o modo de vida,



**Figura 19:** Modelo do processo de análise fenomenológica

A motivação para estudar e a situação de aprendizagem numa universidade a distância. Precisamos, inicialmente, esclarecer alguns termos. Ciência social quer dizer que o interesse principal está na análise da situação de vida do sujeito na sua contextualização social e menos, na hermenêutica teológica, filosófica, jurídica ou histórica. Se o procedimento é chamado hermenêutico, é para sublinhar o papel importante da pré-compreensão do intérprete

no processo de análise. A compreensão deve acontecer no círculo hermenêutico (vide cap. 2.2, p. 30), i.é, as teorias cotidianas, teorias científicas e experiências subjetivas-biográficas devem ser levadas para o processo de interpretação e modificadas gradativamente. O produto final seria uma interpretação do material, na qual a perspectiva subjetiva do entrevistado seria reproduzida e explicitada. Os autores chamam isto de paráfrase, uma formulação colocada no lugar do material original. Isto, ainda, quer apontar para o fato de que a análise pode progredir a partir deste ponto, quando, por exemplo, comparam-se estas paráfrases com estruturas de sentido geral. Esta caracterização também mostra a idéia básica deste procedimento.

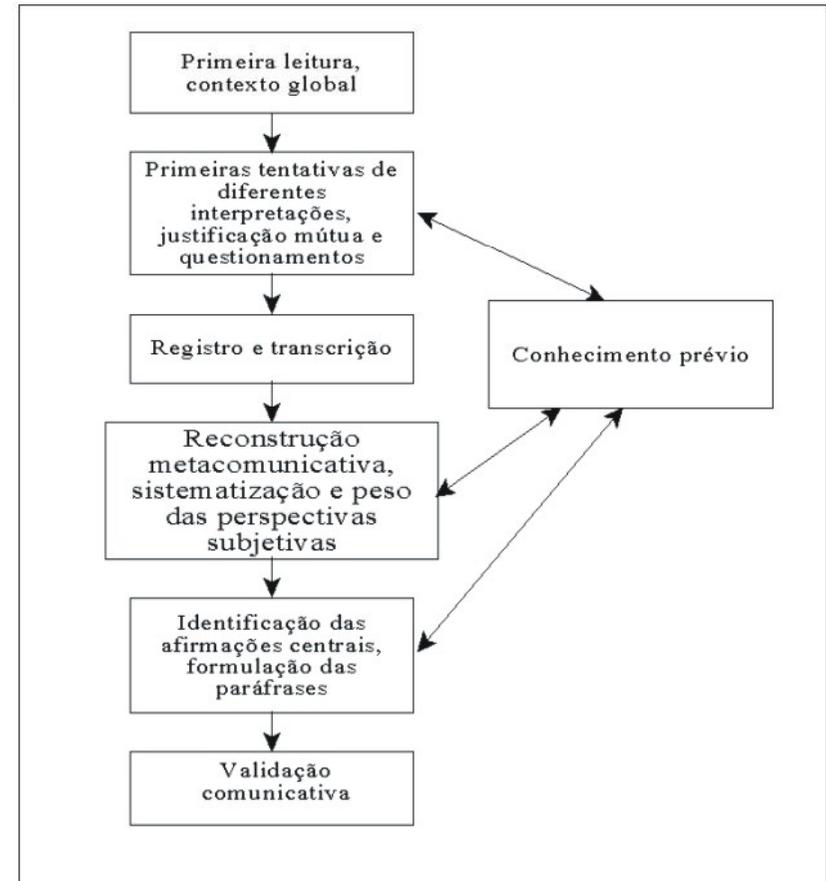
**Idéia básica:** A paráfrase das ciências sociais – hermenêutica é uma técnica que pretende, por meio de procedimentos hermenêuticos, i.e., a gradativa modificação do pré-conhecimento do intérprete, chegar a uma interpretação da perspectiva subjetiva dos seus sujeitos.

Um ponto essencial deste procedimento mais descritivo-hermenêutico é que se trabalhe com mais de um intérprete, para chegar a melhores interpretações. Heinze e seus colegas descreveram três passos básicos. Na base de uma leitura do material como um todo, os intérpretes apresentam uma primeira interpretação e a justificam um para o outro. Os intérpretes consideram seus pré-conhecimentos específicos e seu conhecimento sobre o contexto do material como um todo. Se esta primeira interpretação não é plausível, se indagam mutuamente (“O que quer dizer com isto?”; “Tenho uma compreensão diferente disto;” “Pode repetir a explicação?”) Estas conversas sobre a interpretação também são gravadas e transcritas. O segundo passo é chamado de “fase de reconstrução meta-comunicativa”. Nela se realiza uma análise crítica e re-trabalho das primeiras interpretações. O objetivo é chegar a uma sistematização e avaliação das

teorias cotidianas e das definições situacionais pelos sujeitos. Aqui, também, entra o pré-conhecimento dos interpretes nas interpretações e acaba sendo modificado pela interpretação. No terceiro passo principal, finalmente, quer se identificar as afirmações centrais na base dos trabalhos até então desenvolvidas. Qual a essência do material? Como é que se possa, na base das interpretações, parafrasear a perspectiva do sujeito, duplicá-la interpretativamente? Uma outra peculiaridade deste procedimento é que subsequentemente se pergunta os próprios sujeitos se eles concordam com as paráfrases interpretativas, se eles se sentem corretamente compreendidos. Na comunicação com os afetados quer-se, então, verificar a validade da interpretação (validação comunicativa, vide também cap. 5). Nós chegamos ao modelo de procedimento na Figura 20.

Este procedimento se aplica a análise de material transcrito. Especialmente entrevistas abertas, pouco estruturadas se adequam a uma paráfrase das ciências sociais – hermenêutica. O emprego de vários intérpretes e a fase de validação comunicativa asseguram uma compreensão muito acurada e segura do material, embora seja dispendioso. Já falamos que as paráfrases podem ser pontos de partida para outras análises. “Não se considerou nesta interpretação a análise da seqüência de interação entre entrevistador e entrevistado, bem como da necessidade de trabalhar de maneira sistemática os níveis das diferentes estruturas até à tentativa de identificar estruturas objetivas de significação dentro das rascunhas subjetivas da realidade” (Heinze & Klusemann, 1979, p. 199). Aponta-se, neste contexto, ainda para procedimentos semelhantes como a análise de estruturas subjetivas (Heinze, 1987), a análise do modelo de interpretação (Arnold, 1983; Wiedemann, 1985) e a diagnóstica indutiva (Jüttemann, 1985).

**Área de aplicação:** A paráfrase das ciências sociais – hermenêutica é útil para uma interpretação muito detalhada e segura de material de texto, especialmente de entrevistas abertas e pouco estruturadas. Ela pode ser o ponto de partida para outras análises.



**Figura 20:** Modelo de processo da paráfrase das ciências sociais - hermenêutica

Para quem quer ver exemplos deste procedimento, bem como compará-lo com outras técnicas de análise qualitativa (utilizando-se o mesmo material), deve ver a excelente coletânea editada por Heinze, Klusemann & Soeffner (1980).

#### 14) Análise de conteúdo qualitativa

A análise de conteúdo é, em primeiro lugar, uma técnica das ciências da comunicação que foi desenvolvida nas primeiras décadas do século vinte nos EUA, para analisar os meios de comunicação de massa (jornais, rádio). Os meios de comunicação foram avaliados sistematicamente – e geralmente de maneira qualitativa – por meio da análise de conteúdo, para verificar o seu impacto sobre a sociedade. A frequência de determinados temas no material, i.é, a contagem, a atribuição de pesos e o relacionamento entre elementos de texto estavam no primeiro plano (cf. Berelson, 1952; Lish & Kriz, 1978; Krippendorff, 1980; Merten, 1983). Mas logo chegou a demanda para uma análise de conteúdo qualitativa (George, 1959; Kracauer, 1952; Rust, 1980). Ritsert (1972) criticou a análise de conteúdo quantitativa por pouco considerar especialmente quatro aspectos:

- o *contexto* dos elementos do texto;
- estruturas de sentido *latentes*;
- *casos individuais* marcantes;
- o, que *não* consta no texto.

O ponto de partida da análise de conteúdo qualitativa é utilizar as vantagens da técnica sistemática, sem desmoronar numa quantificação precipitada (cf. Mayring, 2000). O forte da análise de conteúdo é que ela analisa o material passo a passo com controle metodológico rígido. Ela divide o material em unidades que são trabalhadas uma depois da outra. No centro existe um sistema de categorias, desenvolvida a partir do material e guiada por teoria. Por meio deste sistema de categorias, determinam-se aqueles aspectos que devem ser filtrados do material. Por esta sistemática, a análise de conteúdo se distingue mais dos trabalhos interpretativos e hermenêuticos de material de texto.

Idéia básica: A análise de conteúdo qualitativa quer analisar textos de maneira sistemática, por meio de um sistema de categorias, desenvolvido a partir do material e guiado por teoria.

Propõem-se três formas básicas de análise de conteúdo qualitativa (Mayring, 2000), dos quais já conhecemos uma:

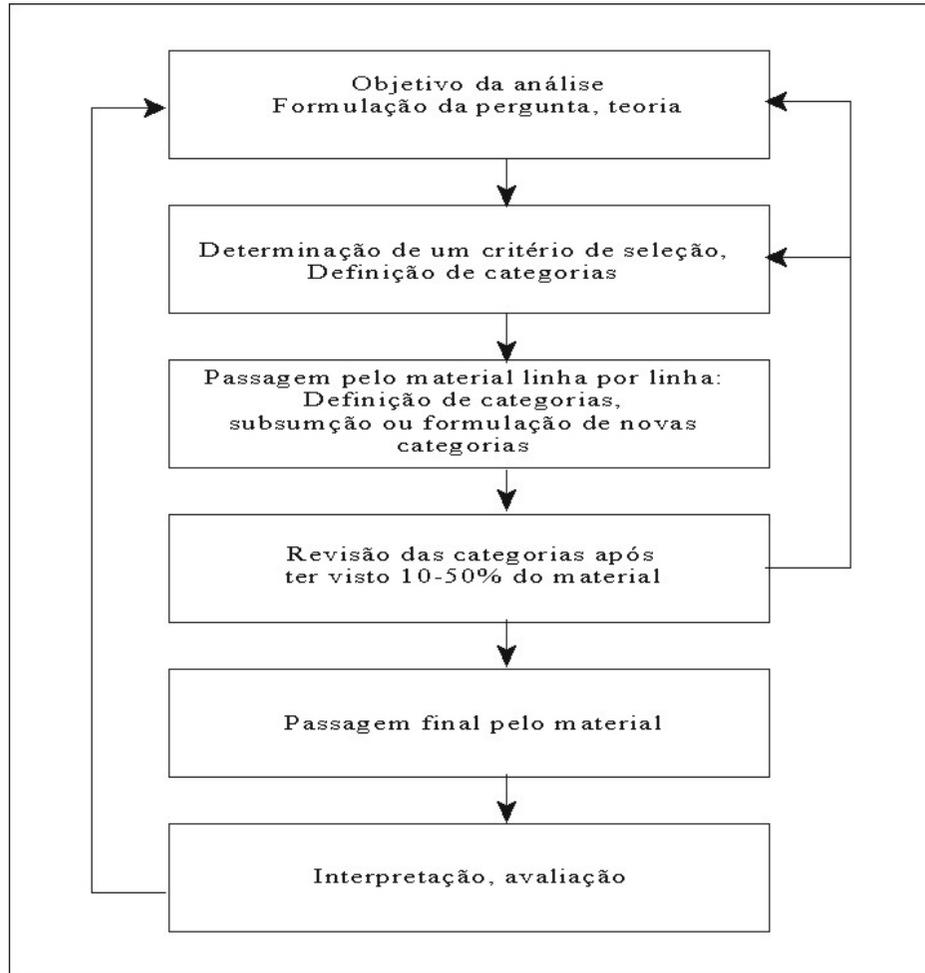
- *Sumarização*: O objetivo da análise é o de reduzir o material de tal maneira, que sobram os conteúdos essenciais, de criar, por meio de abstração um *corpus*, que continua sendo um retrato do material básico (vide procedimento 8).
- *Explicação*: Objetivo da análise é acrescentar material adicional a determinados segmentos do texto (conceitos, frases ...), para aumentar a compreensão, para esclarecer, explicar e interpretar um determinado segmento.
- *Estruturação*: O objetivo da análise é filtrar determinados aspectos do material; estabelecer um recorte do material na base de critérios pré-estabelecidos; ou de avaliar o material na base de determinados critérios.

A técnica de *sumarização* na análise de conteúdo pode ser utilizada, ainda, para a criação indutiva de categorias. A criação de categorias é uma área totalmente negligenciada na análise de conteúdo quantitativa (cf. Krippendorff, 1980). Na pesquisa de orientação qualitativa, coloca-se grande ênfase numa derivação sistemática de perspectivas de avaliação a partir do material, i.e., uma criação indutiva de categorias. Isto também é um processo central na *grounded theory* (vide cap. 4.3.11), na qual se fala de “codificação aberta”. Neste contexto criou-se uma série de regras básicas para a codificação aberta e recomendou-se um procedimento passo a passo, linha por linha. No contexto da análise de conteúdo, o desenvolvimento de categorias é posto mais sistematicamente. Nele, pode utilizar a mesma lógica, o mesmo processo redutivo, utilizada na análise de conteúdo sumarizante. O seguinte modelo do processo sumariza a seqüência da análise (Fig. 21, p. 116).

Dentro da lógica da análise de conteúdo é preciso definir, de antemão, dimensões de categorização e nível de abstração. É necessário fixar critérios de seleção para a criação de categorias.

Isto é um elemento dedutivo e precisa ser justificado por meio de considerações teóricas quanto ao objeto e objetivo da análise. Pensando nesta definição, o material é trabalhado linha por linha.

Quando se encontra pela primeira vez um segmento de texto apropriado para uma definição de categoria, constrói-se uma categoria. Um conceito ou uma frase, formulada o mais perto ao material,



**Figura 21:** Modelo do processo de criação indutiva de categorias

será utilizado para denominar a categoria. Encontra-se, novamente, no processo de análise, um segmento de texto apropriado, este também será agregado a esta categoria (subsumção). Quando um novo segmento do texto satisfaz à definição geral da categoria, mas não se adequa à(s) categoria(s) já criada(s) indutivamente, cria-se uma nova categoria de maneira indutiva a partir do material específico.

Após uma análise parcial do material (aproximadamente 10% a 50%), quando praticamente não se pode mais criar novas categorias, o sistema de categorias coletado será revisado. Será necessário verificar se a lógica é clara (categorias mutuamente excludentes) e se o grau de abstração é apropriado para o objeto e para a pergunta de pesquisa. Caso isto resulte em mudanças do sistema de categorias, o material terá de ser trabalhado novamente, desde o início.

O resultado da análise é um conjunto de categorias para uma determinada temática, ao qual segmento de texto foram agregados. O restante da análise pode seguir, agora, em várias direções:

- O sistema de categorias inteiro pode ser interpretado em termos da pergunta da pesquisa e da teoria subjacente.
- A agregação dos segmentos às categorias pode ser analisada quantitativamente. Pode-se, por exemplo, verificar, quais as categorias que foram codificadas mais frequentemente.

Neste último ponto manifesta-se novamente, que passos analíticos qualitativos e quantitativos não devem ser considerados antagônicos, que podem, e frequentemente devem, ser conectados um ao outro.

A idéia básica da *explicação*, então, é que tem de ser claramente definida de antemão, onde se procura material adicional, para explicitar um determinado segmento de texto. Em outras palavras, deve-se sistematizar a busca por material explicativo. Nisto, pode-se diferenciar entre duas fontes (vide, Mayring, 2000):

- O contexto do material imediato com ligações diretas no texto; i.e., o campo imediato em volta do segmento a ser interpretado; tais textos podem ter caráter de definição / explicativo, ornamental / descritivo, exemplar / específico, corretivo / modificativo, ou antitético / descrevendo o oposto.
- O contexto do texto ampliado, além do texto com informações sobre o autor, destinatário, intérprete, contexto cultural; bem como material não verbal e informações sobre a situação da origem do material.

Desta maneira, a explicação como técnica de análise de conteúdo estritamente falando é uma análise do contexto. Importante para um procedimento sistemático é a criação de uma paráfrase explicativa do material contextual (no caso de muito material por meio de um sumário) e a inclusão desta paráfrase no lugar do texto. Há de se verificar se a explicação é suficiente. Caso contrário, novo material explicativo precisa ser determinado e um novo processo de análise de contexto precisa ser feito. Isto resulta no seguinte modelo de processo (Figura 22).

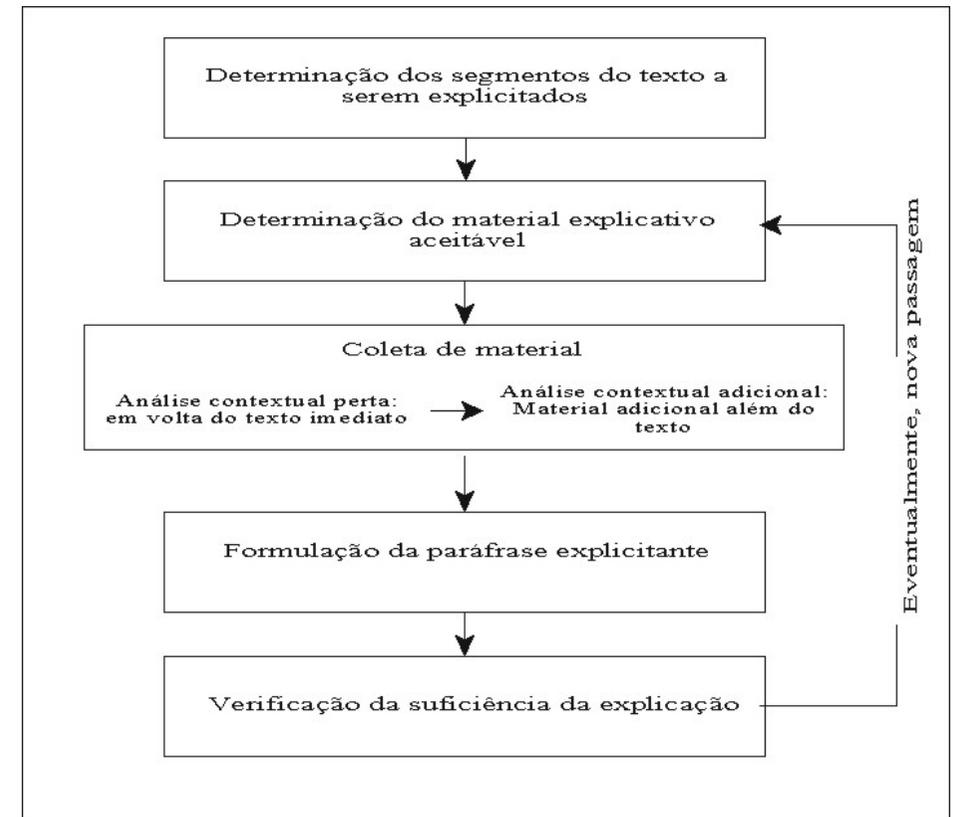
O objetivo da análise de conteúdo qualitativa *estruturante* é filtrar uma determinada estrutura do material. Estas podem ter aspectos formais, de conteúdo ou de determinados tipos; pode-se, também, tentar uma escala, uma avaliação dentro de dimensões específicas (vide detalhes em Mayring, 2000). O cerne desta técnica é que o sistema de categorias, derivado das dimensões de estrutura, seja definido com tal clareza que uma agregação inequívoca de segmentos de texto às categorias seja sempre possível. Nisto mostrou-se vantajoso um procedimento (vide Ulich et al., 1985) consistindo de três passos:

1. Definição das categorias: definem-se explicitamente quais segmentos de texto pertencem a uma determinada categoria.
2. Exemplos de âncora: citam-se segmentos de texto específicos, que se aplicam a uma determinada categoria e que servem como exemplo para esta categoria. Estes exemplos de âncora têm função prototípica para a categoria (vide Eckes & Six, 1983).

3. Regras de codificação: No caso de problemas de limitação estabelecem-se regras que permitem uma agregação inequívoca.

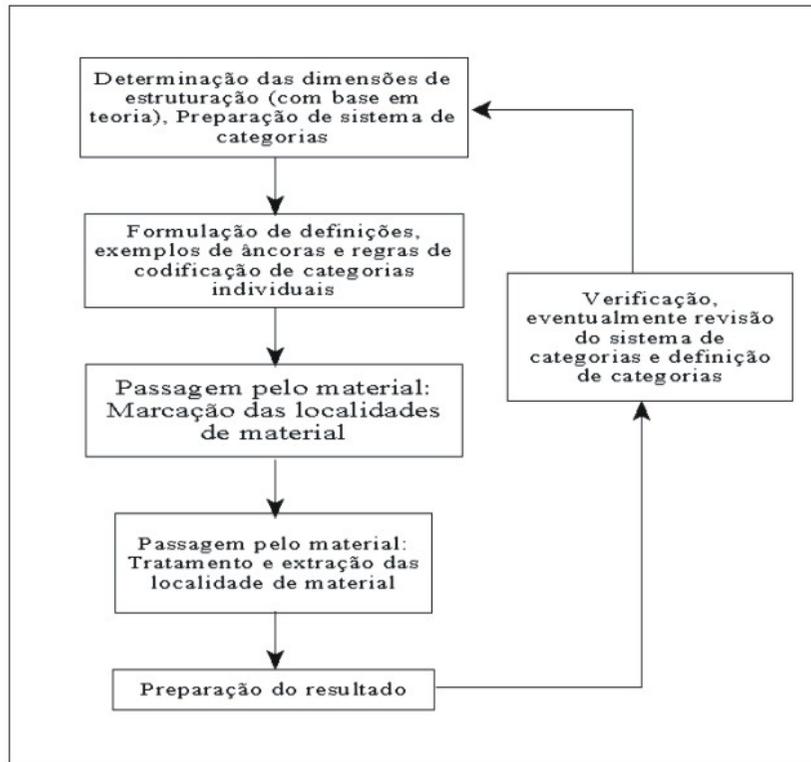
Estas determinações são listadas num guia de codificação que oferece instruções para os avaliadores. No decorrer da análise é possível acrescentar mais exemplos de âncora e formular novas codificações no caso de conflitos ou dúvidas na codificação.

Num primeiro processamento do material, pelo menos parcial, as categorias e o guia de codificação são testados e,



**Figura 22:** Modelo do processo de análise qualitativa explicante de conteúdo

se for o caso, revisadas. O processamento se divide em dois segmentos de trabalho. Inicialmente marcam-se os segmentos do texto nos quais se toca na categoria. Estes “locais de sucesso” podem ser identificados por anotação do número da categoria na margem ou por sublinhar o texto com lápis de cor diferentes. Num segundo passo, dependendo da estruturação, filtra-se o material identificado, agrupa-se e se trabalha com o mesmo. Isto leva ao seguinte model de processamento (Fig 23):



**Figura 23:** Modelo do processo de análise qualitativa estruturante de conteúdo

As técnicas da análise de conteúdo qualitativa, isto fica evidente aqui, são recomendadas especialmente quando tratamos de uma análise textual guiada mais ou menos por teorias. São menos úteis para uma ação exploratória / interpretativa. Desta maneira trabalhou-se aproximadamente 20.000 páginas de protocolos transcritos de entrevistas no contexto do projeto “Consequências psico-sociais do desemprego entre professores” por meio de uma análise de conteúdo qualitativa (Ulich et al., 1985).

**Área de aplicação:** A análise qualitativa de conteúdo é apropriada para tratamento de texto de maneira sistemática e baseada em teoria. Permite lidar com grande quantidade de texto.

*Exemplo:* No estudo sobre desemprego entre professores (Ulich et al., 1985) trabalhou-se, principalmente, com análise de conteúdo estruturante. A pergunta central foi em que dimensões da vida acontecem sobrecargas psicológicas subjetivas e qual o peso das mesmas. Apresenta-se um recorte do guia de codificação da variável “Grau de sobrecarga na área profissional” (vide Figura 24, p. 122).

### 15) *Hermenêutica Objetiva*

A hermenêutica objetiva constitui uma concepção de pesquisa qualitativa desenvolvida nos últimos anos por Oevermann e colegas no contexto da sociologia (ou, melhor, da socialização) (Oevermann et al., 1979, 1980; Schneider, 1985). Seu objetivo é o de encontrar estruturas gerais e objetivas por trás das estruturas individuais de significância providenciada pelo material (por ex., entrevistas). O programa tem objetivos altos, é concebido como uma terceira via, estruturado, entre as posições reducionistas das ciências naturais e as idealistas das ciências humanas. No nosso contexto – o de enumerar técnicas analíticas qualitativas e metodologicamente controladas – estamos mais interessados no procedimento concreto em si.

Rótulo da VAR	Código + Intensidade	Definição	Exemplos de âncoras	Regras de codificação
BLSBE 47	1 sem carga	<i>Área profissional:</i> <i>Grau de carga</i> Situação da vida não é percebida como ameaçadora, desafio, dano ou perda	(vide acima: BLSBE 46 = irrelevante)	Resulta da estimativa da carga - alívio - irrelevante
	2 carga baixa	Somente alguns fatores da situação de vida profissional são percebidos como problemático;	“Que não tenho trabalho no momento não é problemático em princípio, só que não tenho motivação, me irrita.”  “Noto uma interrupção na minha carreira que me irrita, mas não será para sempre”.	Critério da superação como marca essencial se considerado fraco ou forte
	3 carga alta	Alguns fatores da situação de vida profissional são percebidos como sendo graves a ponto de afetar a vida toda; considerado altamente problemático	“Tudo é afetado pelo desemprego, nem estando com os melhores amigos posso esquecer a situação.”  “Tentei todos os lugares, não sei como vai continuar.”	

**Figura 24:** Um segmento de um guia de codificação (grau de carga na área profissional) do projeto de pesquisa “Desemprego entre professores”. (Mayring, 1995).

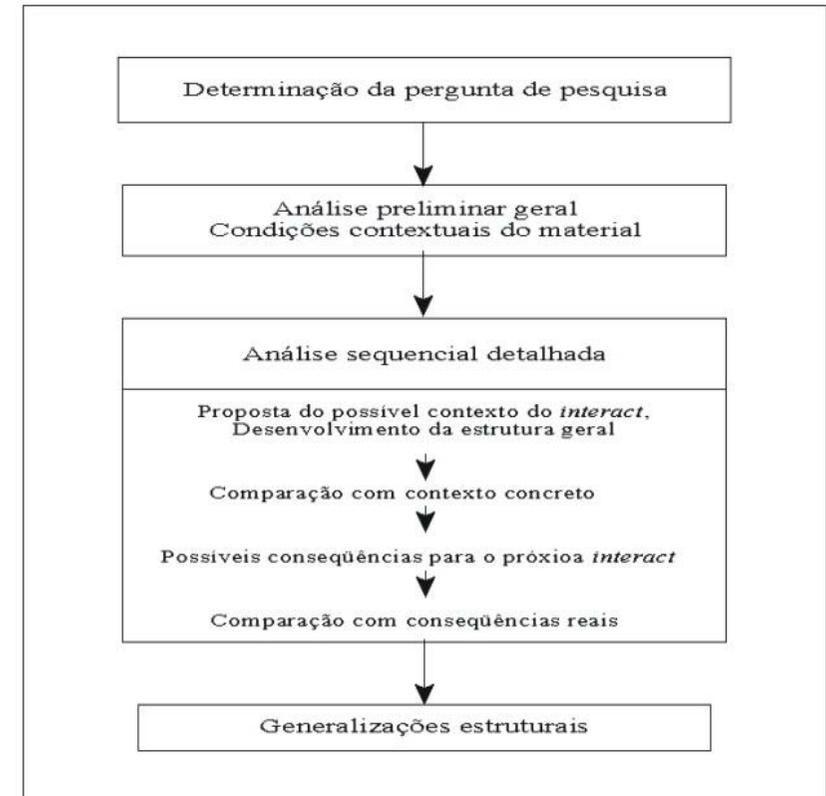
Precisamos determinar mais especificamente o objetivo da análise. Diferenciam-se dois níveis: de um lado os significados subjetivos dos atores, na medida que podem ser reconhecidos no material; filtra-los é o objetivo de muitas das técnicas qualitativas mais recentes. Mas, pode ser de interesse também, descobrir estruturas objetivas de significações subjacentes. Significados inconscientes, como são interpretados pela psicanálise, mas também regras estruturais do desenvolvimento cognitivo (Piaget) ou da dinâmica de processo social moderno (Marx) são exemplos de estruturas subjetivos de significância. Elas podem ser idênticas com às significações subjetivas, assim, podem ser reconhecidas pelo indivíduo. Via de regra, diferem delas e precisam ser desvendadas a partir do material. Oevermann descreveu, com muito detalhe, como proceder e ofereceu alguns exemplos de análise (por ex., Oevermann et al., 1979, 1980). O cerne do seu procedimento passo a passo é a inclusão de experimentos mentais. O intérprete, ao considerar um segmento do texto que descreve um ato sob a ótica do sujeito, desenvolve todos os possíveis atos, independente do ato concreto. A partir das construções resultantes do experimento mental seria possível filtrar comunalidades, que representariam características estruturais do ato. Somente agora se voltava ao caso concreto e declarava-se a significação específica que se aplicava aqui. A partir da relação entre significações possíveis e reais, surge, gradativamente, a estrutura de significância objetiva do caso em apreço. Em outras palavras, o intérprete analisa os segmentos de texto sucessivamente e se pergunta: isto poderia significar o quê? Desta maneira torna acessível o contexto do ato mencionado no segmento do texto. Compare isto com a significação específica respectiva. A partir desta comparação esperam-se inferências sobre estruturas objetivas nos casos individuais e, por meio de comparação de casos, sobre estruturas objetivas gerais.

**Idéia básica:** A hermenêutica objetiva quer desvendar as estruturas objetivas subjacentes às significações subjetivas. Para isto comparam-se, sucessivamente, conteúdos significativos possíveis e reais do material.

O procedimento concreto foi desenvolvido com grande detalhe (Burkart, 1983; Oevermann et al, 1979; Schneider, 1985) e pode ser apresentado aqui somente nos seus passos básicos. A análise começa com a determinação da pergunta. Precisa-se determinar o objeto da análise do material: a estrutura da personalidade do entrevistado, a estrutura da interação com o entrevistador, a estrutura da organização sobre a qual o entrevistado fala. Este é seguido por uma análise global: qual o problema da situação que deu origem ao material, quer dizer, o contexto situacional do desenvolvimento do material. Afinal, são contextos bastante distintos por se tratar de uma interação terapeuta-paciente, uma entrevista ou uma discussão em grupo. Estes contextos constituem as estruturas globais, que são o ponto de referência da análise a seguir, mas que precisam ser verificadas constantemente e podem ser modificadas. O próximo passo importante e, ao mesmo tempo, o cerne da análise é a análise detalhada sequencial. Sequencial quer dizer aqui que o material é dividido em *interactos*, i.é, atos relacionados um ao outro, que são analisados sucessivamente. Aqui acontece o experimento mental já mencionado. Para o primeiro interacto desenvolvem-se, na forma de experimento mental, todos os possíveis contextos de ação, que poderiam ser apropriados para a ação concreta. Infere-se estruturas gerais do contexto e as compara com as condições contextuais concretas. Finalmente, consideram-se as possíveis conseqüências do primeiro interacto para o segundo interacto. Pergunta-se, novamente, (em termos de experimento mental) qual, em princípio, poderia ser a continuação no protocolo, antes de comparar isto com a verdadeira continuação. Este último passo da hermenêutica objetiva constitui a tentativa de uma generalização das estruturas.

Comparam-se vários casos, relacionados no início à pergunta da pesquisa. Uma análise individual permite somente hipóteses sobre estruturas. Mas, estas precisam ser garantidas por meio de material adicional. Isto resulta no seguinte modelo de processo (Figura 25).

Este processo obviamente é muito dispendioso. Oevermann (1979, p. 393) relata que, seguido a risca, para a análise de uma página de protocolo seria necessário um grupo de cinco



**Figura 25:** Modelo do processo de hermenêutica objetiva

intérpretes, trabalhando no mínimo 30 horas e produzindo 50 páginas de interpretação. Necessita-se de muitos recursos para tratar vários casos. A área de aplicação da hermenêutica objetiva caracteriza-se, ainda, pelo fato que trata menos a significação subjetiva e mais as estruturas gerais subjacentes. Assim, recomenda-se mais para pesquisas nas quais tais estruturas são de interesse.

Áreas de aplicação: Recomenda-se a hermenêutica objetiva para pesquisa cujo objetivo é menos a significação subjetiva e mais a estrutura geral subjacente. Por causa do seu procedimento dispendioso, somente pode ser utilizada em segmentos pequenos do material ou utilizando recursos consideráveis.

### 16) *Interpretações psicanalíticas de textos*

Características bastante semelhantes são mostradas no procedimento da interpretação psicanalítica de textos e desenvolvido por Alfred Lorenzer, Thomas Leithäuser e seus colaboradores (Leithäuser et al., 1977, 1979; Lorenzer, 1986; Volmerg et al., 1983). Aqui, também, tenta-se inferir estruturas subjacentes a partir do material, o texto, que está sendo analisado. Nisto, utiliza-se, explicitamente, a psicanálise: quer se identificar a significação reprimida pelo produtor do texto. Os autores argumentam que o material a ser analisado não seria completo, caso não se considere os conteúdos inconscientes, também. Eles desenvolveram o seu procedimento especialmente na análise de formas da consciência cotidiana. Um projeto tratou da resolução subjetiva do conflito entre o leste e o oeste (Volmerg et al., 1983). Por meio de um protocolo de uma discussão de grupo de dez mulheres vamos mostrar de que se trata (Leithäuser et al., 1979). A discussão começa quando uma mulher fala de mais solidariedade entre vizinhos e mais humanidade na RDA [República Democrática Alemã]. Isto está sendo relativizado no decorrer da discussão (“somente no campo”; “aqui há isto também,!”), até que se chega na

falta de liberdade de expressão na RDA. Finalmente foi reclamado que muitas das pessoas que se mudaram para Alemanha Ocidental, resmungam das condições embora estejam vivendo muito melhor. Leithäuser et al. interpretam que o tema central do grupo era o desejo para mais humanidade, mais solidariedade mútua entre vizinhos tal qual apareceu no início da conversa. A seguir, este desejo foi reprimido de maneira sistemática, foi afungentado por meio de relativizações e mudanças de tema. Assim, o texto refletiria apenas uma superfície, que é preciso ir além. Mas a análise não aponta apenas isoladamente para os conteúdos subjetivos e reprimidos. Ela quer estabelecer relações entre a descoberta e estruturas sociais objetivas, como se tenta por meio de processos de crítica ideológica. De acordo com Leithäuser, interpretação psicanalítica de texto acontece num campo de tensão entre o trabalho psicanalítico, meramente subjetivo e uma análise crítica da sociedade.

**Idéia básica:** A interpretação psicanalítica de texto parte da premissa de que o material não está completamente compreensível, quando se fica na superfície. Com meios psicanalíticos objetiva-se desenterrar conteúdos reprimidos e analisá-los em termos da sua condicionalidade social e de sua relevância.

Agora sobre o procedimento concreto. Ele pode ser dividido em cinco passos. A análise começa com o registro do conteúdo manifesto do material, do texto. Os autores chamam isto de “compreensão lógica”. O texto inteiro é considerado como uma estrutura com sentido, mas, já neste momento, procura-se inconsistências, violações de regras, inclusive “erros” gramaticais, que poderiam constituir formas de repressão. No passo seguinte, tenta-se uma compreensão psicológica do texto. Atenta-se à gesticulação e comportamento afetivo do produtor do texto, para a experiência concreta e situacional dos respectivos falantes. Aqui, também, presta-se especial atenção, por exemplo, às contradições entre texto e gesticulações. A compreensão do cenário

constitui o terceiro passo. As manifestações verbais são colocadas no seu contexto amplo de interações, pergunta-se, que significação verbal as interações têm; comparam-se vários cenários, para encontrar semelhanças e padrões. “A pergunta que direciona a interpretação se expande para a questão de como alguém se comunica sobre algo e quais formas de vida social são representadas nesta comunicação” (Leithäuser et al., 1979, p. 173). Na compreensão da hermenêutica profunda como o próximo passo, tenta-se desvendar as repressões. Utilizam-se os resultados dos passos anteriores. Procuram-se indícios de onde figuras lingüísticas e interacionais se mostram como formas de defesa. O último critério sempre é a compreensão do intérprete. A análise direciona-se para uma reconstrução dos conteúdos de significações, que foram reprimidos e uma reconstrução da razão da repressão; i.e., o o que e o porquê da repressão. Isto resulta no seguinte modelo de processo (Figura 26).

Apresentamos aqui outro procedimento altamente interpretativo. É muito difícil justificar e assegurar as interpretações concretas. Além do mais, o procedimento baseia-se na teoria psicanalítica. Somente quando a pergunta da pesquisa se adequa a este contexto, recomenda-se este procedimento. Mas, neste caso, sem dúvida pode resultar em conclusões importantes.

**Áreas de aplicação:** A interpretação psicanalítica de textos, na forma aqui apresentada, se baseia num referencial teórico predeterminado, mas dentre este referencial pode fornecer importantes explicações sobre conteúdos de significações reprimidas no contexto social.

*Exemplo:* Leithäuser (1985) delineou um exemplo para seu processo interpretativo que tem a ver com desemprego. De uma discussão em grupo com trabalhadores de um estaleiro segue o seguinte segmento, que mostra o efeito do medo diante do desemprego (p. 471):



**Figura 26:** Modelo do processo da análise de conteúdo psicanalítica

- (28) O que podemos fazer contra o fato que vão construir navios de guerra?  
 (29) Nós poderíamos, sim!  
 (30) Mas, como faríamos isto?  
 (31) Todos juntos poderíamos deixar de trabalhar, mas teríamos de ariscar de ficar desempregados.  
 (32) Isto mesmo. Desempregado, desempregado, você vai morrer de fome; não tem outro jeito. (todos falam ao mesmo tempo)  
 (37) ... Se nós não os construirmos

(38) (todos:) aí, outros vão fazer isto

(39) Então, nós vamos fazer.

Estas manifestações dos trabalhadores são interpretadas no sentido de que o motivo político está sendo controlado. Além do medo do desemprego existe a falta de solidariedade e a pressão de concorrência (Leithäuser, 1985, p.471).

### 17) Análise tipológica

Como último procedimento vamos apresentar um procedimento mais descritivo que está sendo utilizado nos mais variados contextos teóricos. Análises tipológicas objetivam extrair de um material mais extenso elementos típicos e descrevê-los em maiores detalhes (vide Gerhardt, 1985; Lamnek, 1989, p. 336ff). A idéia fundamental é que os tipos fazem o material mais sinóptico na sua apresentação, que as descrições podem se aprofundar mais do que em outros procedimentos (como, por exemplo, nos sumários). Quando os tipos forem determinados de maneira adequada, uma análise de casos individuais desses tipos pode resultar em afirmações claras que podem ser generalizadas para um contexto maior (Foppa, 1986).

**Idéia básica:** Baseado em critérios predeterminados, visa-se na análise tipológica filtrar tais elementos do material e descrevê-los detalhadamente, de forma a que representem o material de maneira específica.

Neste processo recorre-se, sempre, ao conceito de compreensão dos tipos ideais desenvolvido pelo sociólogo Max Weber na virada do século XIX / XX. Tipos ideais (o empresário típico, o trabalhador industrial típico) devem construir casos com características marcantes a partir do material empírico. Isto acontece por meio de “aumento unilateral de um ou outro aspecto e pelo agrupamento de uma multitude de fenômenos individuais, que se adequam aos aspectos salientados unilateralmente” (Weber *apud* Gerhardt, 1991, p. 438).

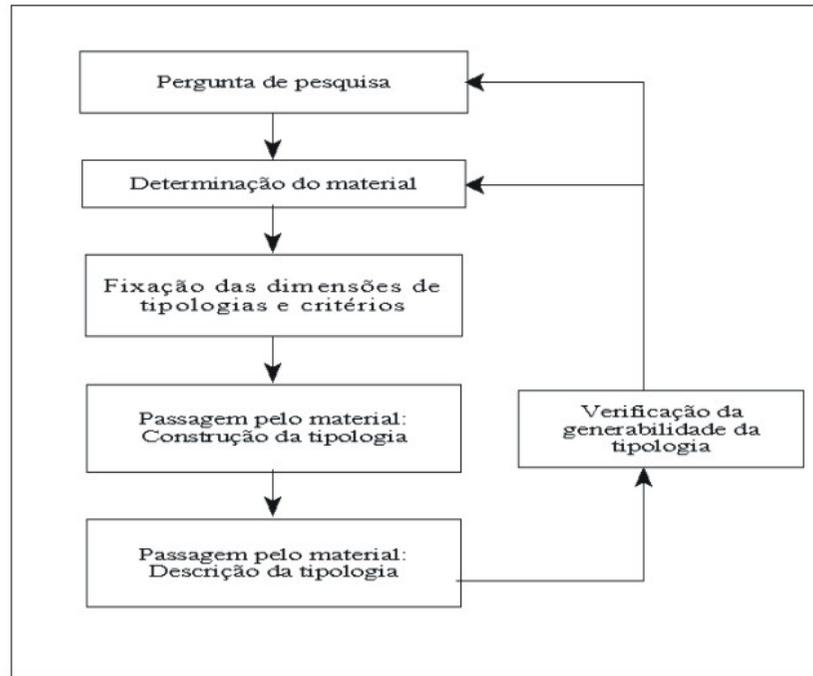
Um procedimento de tipos reais, entretanto, consiste na identificação de casos “reais” como típico no material e descrevê-los detalhadamente. De qualquer modo faz-se necessário para um procedimento controlado, que após a determinação da pergunta da pesquisa e do material sejam determinados dimensões e critérios para os tipos. Dimensão de tipos quer dizer a determinação do conteúdo do material a ser tipificado (características da situação de vida dos pesquisados, formas de reagir, orientações para ação, sensibilidades emocionais, etc.). Para os critérios de tipos, existem várias abordagens:

- Tipos ideais (vide acima);
- Casos de tipos especialmente freqüentes;
- Casos especialmente raros;
- Tipos extremos;
- Casos de tipos especiais de interesse teórico.

O procedimento principal consiste de duas passagens pelo material. Na primeira vez, os tipos precisam ser construídos e determinados em função das dimensões e dos critérios para os mesmos. Na segunda passagem, o material será filtrado com este conjunto de tipos (geralmente, dois a dez), de maneira a descrever os tipos de maneira mais explícita e detalhada. Estes passos centrais podem ser ainda mais diferenciados, quando se trabalha com uma análise de conteúdo estrutural (i.e., trabalhando com um guia de codificação, vide cap. 4.3.14).

As descrições de tipos assim obtidas precisam ser verificadas novamente em termos da pergunta da pesquisa e diante do material para acertar se foram generalizadas em termos dos critérios pretendidos (vide Foppa, 1986). Isto resulta no seguinte modelo de procedimento (Figura 27).

Entre os varios exemplos nos quais se trabalha com a construção de tipos (ideais ou também reais), mencionamos apenas as áreas de pesquisa de campo, as análises do contexto de vida, da pesquisa de mercado qualitativa e da pesquisa da saúde (vide exemplos em Flick et al., 1991). Tais abordagens são especialmente frutíferas quando se quer explorar um campo até então pouco pesquisado,



**Figura 27:** Modelo do processo de análise tipológica

para desenvolver bases para construções futuras de conceitos e teorias. Processos típicos também podem ser analisados com esta abordagem.

**Áreas de aplicação:** Recomendam-se análises tipológicas quando se quer estruturar uma quantidade grande de material, mas não se quer deixar de lado a descrição de casos individuais.

Muitas das áreas de aplicação da pesquisa sobre desemprego podem ser classificadas como procedimentos tipológicos.

O exemplo apresentado no capítulo 3.1 (Heinemeier & Robert, 1984), mas também os quatro tipos de postura em 4.2.10 da pesquisa de Marienthal (vigoroso, resignado, desesperado e apático) constiuem exemplos.

#### 4.4 Relação entre os instrumentos de análise

Neste capítulo apresentamos 17 procedimentos qualitativos distintos e seis delineamentos de pesquisa qualitativa. Considero importante não-somente apontar possibilidades de pesquisa qualitativa, mas estabelecer ligações entre estas novas abordagens. Especialmente na parte histórica do livro (capítulo 1) apontou-se para a importância de superar o pensamento em termos de escolas e chegar a uma maior integração entre abordagens qualitativas. Concretamente, isto significa que as 23 abordagens podem ser combinadas entre si. Na prática da pesquisa qualitativa isto já está acontecendo em boa parte.

Assim, falamos no penúltimo procedimento sobre uma abordagem (Leithäuser et al., 1977, 1979) que combina discussões em grupo com interpretação psicanalítica de textos. Nós mesmos protocolamos durante muitos anos entrevistas centradas no problema e as analisamos por meio de análise de conteúdo qualitativa (Ulich et al., 1985). As técnicas podem ser utilizadas dentro de delineamentos qualitativos distintos. Conseqüentemente, a seleção de delineamentos e técnicas de levantamento, preparação de dados e avaliação, a composição concreta dos instrumentos de análise precisam ser relacionados ao objetivo e à pergunta da pesquisa em questão. Não deve ser predeterminado por predileção ou pensamento em termos de escolas do pesquisador. Mas, especialmente, isto se encontra freqüentemente nas abordagens qualitativas mais novas. Utiliza-se apenas um método e procuram-se objetos de estudo apropriados. Talvez isto seja apenas uma fase de transição. Mas pesquisa qualitativa criativa significa pluralidade, não unilateralidade, significa ligação com o objeto de estudo, não fixação no método. A Figura 28 sumariza, mais uma vez, o tamanho das possibilidades de escolha, quando

quer-se fazer pesquisa qualitativa nas ciências sociais. Somente quando se utilizam estas possibilidades de maneira mais ampla, quando são consideradas como um arsenal de métodos como acontece nas técnicas quantitativas, são utilizadas de maneira pragmática e ligadas ao objeto, a mudança qualitativa pode fertilizar amplamente a pesquisa atual.

<b>Delineamentos Qualitativos</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estudo de caso</li> <li>• Análise de documentos</li> <li>• Avaliação qualitativa</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pesquisa-ação</li> <li>• Pesquisa de campo</li> <li>• Experimento qualitativo</li> </ul>
<b>Técnicas Qualitativas</b>	
<b>Levantamento de dados</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entrevista centrada no problema</li> <li>• Entrevista narrativa</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Procedimento de discussão em grupo</li> <li>• Observação participante</li> </ul>
<b>Preparação de dados</b>	<b>Análise de dados</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Escolha de meios de representação</li> <li>• Transcrição literal</li> <li>• Transcrição comentada</li> <li>• Protocolo resumido</li> <li>• Protocolo seletivo</li> <li>• Construção de sistemas descritivos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Grounded theory</i></li> <li>• Análise fenomenológica</li> <li>• Paráfrase das ciências sociais – hermenêutica</li> <li>• Análise de conteúdo qualitativa</li> <li>• Hermenêutica objetiva</li> <li>• Interpretação psicanalítica de texto</li> <li>• Análise tipológica</li> </ul>

**Figura 28:** Delineamentos e técnicas da pesquisa qualitativa

Isto precisa ser aplicado igualmente à integração com as abordagens quantitativas. Neste ponto, também, precisa-se avaliar de maneira pragmática, ligada ao objeto, onde as abordagens quantitativas, as técnicas quantitativas podem ser utilizadas de maneira vantajosa. De maneira geral, não é uma questão de alternativa à pesquisa quantitativa. Estamos querendo fortalecer o pensamento qualitativo nos processos de pesquisa das ciências humanas, para chegar a resultados mais substanciais.

## 5. Uso do Computador em Pesquisa Social Qualitativa

Enfatizou-se repetidamente que a análise qualitativa não constitui uma rígida contraposição a procedimentos quantitativos, mas um deslocamento de ênfase, uma explicação e controle de passos analíticos qualitativos, que necessariamente existe em qualquer procedimento das ciências sociais. Especialmente nos últimos anos discutiram-se as possibilidades de um apoio para as análises qualitativas por meio de computador (vide Fielding & Lee, 1991; Huber, 1992; Pfaffenberger, 1988; Tesch, 1992). Por um lado, indica-se com maior precisão onde passos quantitativos poderiam ser inseridos numa análise qualitativa e com que valor afirmativo. Por outro lado, programas de computador conseguem apoiar passos analíticos qualitativos de maneira decisiva. A divulgação de computadores pessoais acessíveis incentivou o desenvolvimento de programas. Desta maneira, a utilização de computadores na pesquisa social qualitativa tornou-se um sinal de um pensamento novo e integrativo na discussão metodológica.

### 5.1 Pontos de partida para o uso do computador

A razão para reflexões nesta área provavelmente era que para poder realizar uma avaliação qualitativa fundamentada e interpretativa de, por exemplo, protocolos de entrevista, seria necessário, sempre, transcrever o material. Hoje em dia, estas transcrições são realizadas cada vez mais com computadores pessoais. Uma vez que o material está disponível nesta forma, torna-se atrativo utilizar os recursos do PC para a avaliação do material. Os possíveis caminhos foram divididos por Brent (1984) em três possibilidades: